



Veredas – Interacionismo Sociodiscursivo Vol. 21 , n°3 , 2017

A escrita do relatório científico na escola básica: o que dizem os professores?¹

Ariane Alhadas Cordeiro (UFJF)²
Tânia Guedes Magalhães (UFJF)³

RESUMO: Este trabalho apresenta resultado de pesquisa que buscou analisar o ponto de vista de professores sobre a escrita do relatório científico, devido à relevância do gênero no contexto pesquisado. Adotamos como aporte teórico o Interacionismo Sociodiscursivo, bem como preceitos do Letramento Científico, nos quais a aprendizagem da escrita é uma importante forma de socialização dos alunos. A partir de entrevistas, os dados revelam que, embora haja um contexto profícuo para circulação do gênero, há dificuldades dos alunos com a linguagem científica, ausência de um trabalho interdisciplinar e, embora o gênero seja solicitado, ele não é ensinado sistematicamente. Isso reforça a necessidade de focar, na aprendizagem da escrita, a prática social como prioritária.

Palavras-chave: Ensino de escrita; Relatório científico; Letramentos.

Introdução

Este trabalho enfoca uma pesquisa sobre o processo de ensino da escrita, destacando o gênero textual relatório científico como um gênero relevante para a escola pesquisada, sobretudo no que se refere à relação entre áreas no Ensino Fundamental (Língua Portuguesa e Ciências

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado da 1ª autora, orientado pela 2ª, intitulada “Um estudo do gênero relatório científico” defendida em março de 2017, que se vincula à linha de pesquisa “Linguagem, conhecimento e formação de professores” do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF.

² Mestre em Educação e graduada em Letras pela UFJF. Professora da rede estadual de Minas Gerais. Integrante do **Grupo de Pesquisa Linguagem, Ensino e Práticas Sociais**, vinculado ao Núcleo FALE – Formação de Professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino (UFJF). alhadas.ariane@gmail.com

³ Doutora em Estudos Linguísticos pela UFF e Graduada em Letras pela UFJF. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, na linha Linguagens, culturas e saberes. Atua nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia da UFJF. Grupo de Pesquisa **Linguagem, Ensino e Práticas sociais**. tania.magalhaes95@gmail.com

Naturais). A escolha desse gênero como foco nesta pesquisa foi motivada tanto pelas vivências nessa escola⁴, quanto por pertencer ao agrupamento do expor⁵, que acreditamos ser menos estudado na comunidade acadêmica e escolar, bem como pouco abordado no campo das intervenções didáticas nas pesquisas realizadas com aporte teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Assim, compreendemos que este trabalho pode contribuir com a produção acadêmica sobre gêneros da esfera científica e fornecer, também, subsídios para a formação de professores, evidenciando tanto aspectos do letramento científico na escola, quanto descrições⁶ de gêneros específicos, como o relatório, para, assim, desenvolvermos práticas que ampliem as capacidades de linguagem dos alunos a partir de textos que procuram apresentar diferentes formas de saberes.

Os gêneros da esfera científica, apesar de estarem presentes no meio escolar, não costumam ser ensinados de forma sistematizada por professores que não os de Língua Portuguesa. Para afirmar isso, particularizamos, neste trabalho, o resultado de uma investigação exploratória que teve o objetivo de analisar de que modo cinco professores (Língua Portuguesa e Ciências do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental) trabalham com o gênero relatório científico em suas disciplinas, como ensinam os alunos a escreverem tal gênero, se realizam trabalhos interdisciplinares e se os alunos apresentam dificuldades na escrita. A investigação sobre a produção e circulação desse gênero torna-se bastante pertinente nesse contexto uma vez que a comunidade da escola estadual, situada numa cidade do interior de Minas Gerais, realiza anualmente uma Feira Cultural e Científica (FCC), evento que envolve toda a comunidade escolar e parte da população da cidade, que tem em torno de 15 mil habitantes. Nesse sentido, o gênero relatório, dentre outros, está presente no cotidiano, já que na Feira os discentes de Ensino Fundamental e Médio apresentam resultados de pesquisas realizadas em diferentes disciplinas ao longo do ano, ou seja, há uma motivação local, real e pertinente para realizar os experimentos científicos e fazer circular os resultados por meio de vários gêneros (banners, relatórios, apresentações orais, cartazes). Consideramos que, a partir do estudo sistematizado desse gênero textual, o aluno poderá desenvolver capacidades linguísticas para agir socialmente por meio da linguagem, ou seja, apropriar-se do gênero para o uso em suas práticas sociais, sobretudo na escola que foi *locus* dessa pesquisa, bem como para inserir-se em outras práticas da cultura científica.

A investigação sobre o ensino e a circulação do gênero relatório considerando o ponto de vista do professor da escola analisada antecedeu à construção do modelo didático de gênero (MDG), instrumento usado por professores em que são elencadas configurações do gênero a partir de um *corpus*, com vistas a explicitar suas dimensões ensináveis (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006). Para elaborá-lo, necessário se faz produzir uma análise descendente, conforme os pressupostos do ISD, em que se exploram as características da situação social onde se realiza a ação de linguagem, bem como se descrevem os parâmetros contextuais, fato que nos levou às entrevistas com docentes para aprofundar a relação entre a produção do texto e o contexto da Feira.

Assim, para atingir nosso objetivo, após essa introdução, dedicamo-nos aos princípios do Interacionismo Sociodiscursivo e do letramento científico, considerando a linguagem como atividade social e discursiva. Em seguida, apresentamos na metodologia o percurso realizado, um estudo exploratório com entrevistas realizadas com professores de Ciências e Língua Portuguesa,

⁴ Escola onde a 1ª autora do artigo lecionou no ano de 2015.

⁵ O conceito de agrupamento será apresentado abaixo.

⁶ Trata-se da segunda etapa da pesquisa, em que realizamos a construção de um modelo didático do gênero relatório, não enfocado neste artigo.

bem como a coleta e os procedimentos de análise. Adiante, procedemos à análise detalhada das entrevistas. Por fim, sintetizamos nossas considerações sobre o discurso dos professores acerca das práticas de escrita de relatórios, pretendendo contribuir com práticas de escrita escolar.

Interacionismo Sociodiscursivo

Este trabalho tem como pressuposto teórico principal o Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999, 2006), que concebe a linguagem como uma atividade social, discursiva e interativa. São várias as pesquisas no Brasil que têm como aporte teórico tal perspectiva, uma vez que ela tem sido um importante referencial para trabalhos voltados às questões teórico-experimentais, principalmente do ponto de vista educacional.

O ISD é uma corrente das Ciências Humanas que se sustenta na construção de uma “ciência do humano”, com o propósito de atingir uma compreensão sobre “a complexidade do funcionamento psíquico e social dos seres humanos” (MACHADO, 2007, p. 24). Dessa forma, o ISD não deve ser considerado uma teoria exclusivamente linguística ou psicológica, pois esta se constitui pela transdisciplinaridade que envolve a análise do desenvolvimento humano.

Um de seus pressupostos é que o desenvolvimento ocorre em atividades sociais, através da mediação, em um meio constituído e organizado por diversos pré-construídos. Segundo Bronckart (2006), dentre os pressupostos vinculados ao ISD, interessa-nos sobretudo o papel da linguagem no desenvolvimento humano; é a partir da linguagem que organizamos e construímos conhecimentos sobre a realidade, com base na interação com tais pré-construídos. A linguagem, assim, é centrada em três níveis: a que organiza, a que regula e a que comenta as atividades humanas; nesse sentido, se constrói uma “memória” dos pré-construídos sociais; e por meio dos processos de mediação, especialmente os languageiros, esses pré-construídos são apropriados e transformados pelos indivíduos (MACHADO, 2005).

Como parte das análises nessa perspectiva teórica, a problemática do agir é central. Um agir geral pode ser percebido nas atividades coletivas, ou seja, nas “estruturas de cooperação/colaboração que organizam as interações dos indivíduos com o ambiente” (BRONCKART, 2006, p.138). O agir de linguagem é concebido no coletivo, pois as atividades de linguagem são diversificadas e dependem de formações sociais. A ação de linguagem, então, é “uma parte da atividade de linguagem cuja responsabilidade é atribuída (por via externa ou interna) a um indivíduo singular, que, assim, se torna o agente ou o autor dessa ação” (BRONCKART, 2006, p.139).

Dessa maneira, as ações de linguagem, que são de responsabilidade de um autor específico, se materializam nos textos; essas ações se materializam de diversas formas em textos empíricos, denominados gêneros de texto. Os gêneros, então, passando de geração em geração, são também pré-construídos com os quais os seres humanos lidam no dia a dia, pelos quais os sujeitos transformam-se nas interações sociais. Logo, se os gêneros são as ações materializadas no texto, este é por sua vez resultado dessas ações, que se realizam conforme propriedades linguísticas de uma determinada língua, segundo Bronckart (2006).

É pelo processo de mediação que os adultos integram os demais a um conjunto dos pré-construídos disponíveis no meio sociocultural (BRONCKART, 2006). Esses processos são caracterizados, por exemplo, pelos procedimentos educativos que se materializam, especialmente, nas escolas. O resultado das mediações formativas resulta em “transformação do psiquismo sensório-motor herdado em um pensamento consciente, fundador da pessoa” (BRONCKART, 2006, p.129). Tal processo é consequência da interiorização das “propriedades estruturais e funcionais dos signos linguísticos” (BRONCKART, 2006, p.128-129). Para isso, a escola tem papel fundamental na mediação da aprendizagem dos gêneros, uma vez que é nessa

instituição, primordialmente, que se tem acesso a formas sistematizadas do conhecimento socialmente construído e valorizado, bem como a variadas maneiras de realizar as ações de linguagem, de forma que se permita ampliar a capacidade de o sujeito atuar na sociedade para além daquele contexto onde o aluno geralmente já atua.

Tais pressupostos trazem repercussões para o ensino contemporâneo, uma vez que esses princípios podem sustentar o trabalho do professor de línguas, na medida em que se defende o ensino não de estruturas gramaticais, mas de proposições de eventos interativos e de reflexão sobre a língua. É nesse sentido que os gêneros textuais têm papel central na aprendizagem, e não como estruturas estáticas isoladas de um contexto. Bronckart (2006) esclarece que os gêneros de textos são “produtos de configurações de escolhas entres esses possíveis, que se encontram momentaneamente ‘cristalizados’ ou estabilizados pelo uso” (p.143). O autor destaca ainda que os gêneros mudam com o tempo ou com a história das formações sociais de linguagem. Para o autor, o texto pode ser conceituado como “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Entretanto, o texto só existe como um produto, um resultado, ou seja, “todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero” (BRONCKART, 1999, p. 75). Dessa forma, os textos são produtos heterogêneos e possuem estruturas flexíveis e mutáveis. Assim, a produção de um texto é determinada por escolhas e combinações de operações de linguagem.

Nesse viés, o ensino de língua materna deve focar um trabalho no qual o discente possa desenvolver capacidades de linguagem para agir socialmente e compreender as diferentes ações humanas existentes no mundo em que vive. A inserção do aluno em práticas de linguagem reais é fundamental para a ampliação de tais capacidades, o que pode ocorrer no trabalho sistemático com gêneros textuais que constituem as interações humanas. Assim, destaca-se a importância do trabalho do professor que, através da mediação pedagógica, poderá conduzir o desenvolvimento sistematizado dessas capacidades.

O meio escolar, bem como outros contextos, propicia ao aluno vivências fundamentais no desenvolvimento intelectual e psicológico. Nesse contexto, o professor usa instrumentos na passagem dos conceitos cotidianos para os conceitos científicos. Os instrumentos são artificiais e são destinados ao “controle dos próprios comportamentos psíquicos e dos outros; têm uma natureza não orgânica, ou, em outras palavras, têm uma natureza social” (FRIEDRICH, 2012, p.58). Ainda segundo Friedrich (2012), o instrumento psicológico “não está no mundo exterior, mas na atividade psíquica do sujeito, sendo esse instrumento um meio de influência do sujeito sobre si mesmo, um meio de autorregulação e de autocontrole” (p.57). Assim, os instrumentos são responsáveis por transformar todos os envolvidos no processo, afetando a dinâmica da sala de aula e o modo de pensar e agir dos sujeitos.

Os gêneros, nessa linha, são considerados instrumentos, pois são criações sociais e atuam como mediadores, permitindo a comunicação pela língua, que não é concebida como algo externo ao sujeito. Além disso, são megainstrumentos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), na medida em que, através deles, realizamos as práticas languageiras; na escola, tornam-se objetos de ensino. A metáfora do megainstrumento proposta pelos autores propicia-nos enxergar essa dupla função do gênero. Considerando que “...é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.74), é fundamental que o ensino sistematizado de língua materna contemple os gêneros textuais, o que poderá ampliar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, trazendo autonomia para agir em situações sociais.

As capacidades de linguagem, segundo Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) são determinantes para que os estudantes produzam os gêneros nas situações de interação oral ou escrita. São cinco as capacidades de linguagem, a saber: capacidade de ação, discursiva e

linguístico-discursiva, de significação (CRISTÓVÃO; STUTZ, 2011; CRISTÓVÃO, 2013) e multissemiótica (DOLZ⁷, 2015).

O conceito de capacidade auxilia a elaboração de propostas curriculares na perspectiva dos agrupamentos de gêneros com vistas à prática de ensino de línguas; tais agrupamentos são definidos por domínio sociais da comunicação, tipologias textuais e capacidades de linguagem dominantes (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Assim, temos gêneros agrupados em cinco conjuntos que possuem traços comuns. São definidos em narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações (que também pode ser chamado de instruir ou instrucional dependendo dos autores⁸). Os gêneros do agrupamento do expor são aqueles que nos interessaram diretamente nesta pesquisa, uma vez que são os referentes à esfera científica, que no caso de nosso trabalho, circulam na Feira Cultural e Científica da escola.

Nessa direção, na vertente didática do ISD, foram desenvolvidas importantes considerações sobre o processo de ensino-aprendizagem de gêneros textuais, bem como sobre estratégias e dispositivos didáticos. Para ensinar os alunos a agir pela linguagem, é necessário propor uma didatização dos gêneros, o que pode ser feito pelas sequências didáticas, uma vez que esses instrumentos centram-se em desenvolvimento de capacidades de linguagem. A sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p.97). Logo, tem como finalidade, partindo de uma prática social, auxiliar o aluno a dominar e produzir um gênero, reconhecendo e refletindo sobre suas características discursivas. Daí, percebemos o caráter social do gênero colocado em foco na SD: ela envolve a situação, os interlocutores, o objetivo comunicativo, bem como os aspectos históricos e ideológicos refletidos nas línguas. Constituem-se como um procedimento, dentre outros possíveis, bastante apropriado para o ensino de línguas, o que contribui para a construção de uma pedagogia consistente e que se articula à inserção social dos alunos em eventos de letramento. Também é avaliado positivamente por professores como um conceito que permite analisar explicitamente o desenvolvimento dos alunos (RIBEIRO, AZEVEDO, LEAL, no prelo).

Também nesse agrupamento, gêneros como relatórios, artigos de divulgação científica, seminários, verbetes, infográficos, entrevistas de especialistas, por exemplo, são de importante estudo na escola, com vistas à ampliação das capacidades de linguagem discentes para conviver com práticas de letramento científico, foco da próxima seção.

Letramento científico e o gênero relatório no contexto pesquisado

Um dos desafios da escola contemporânea é envolver os alunos em atividades de escrita que extrapolem os gêneros típicos do letramento escolar. Introduzir os alunos desde pequenos em eventos de letramento para além de suas próprias vivências é tarefa primordial na educação linguística. Considerar o princípio de que se aprende a língua em práticas sociais, como vimos na seção anterior, nos conduz a pensar em estratégias para fazer os estudantes interajam nas situações já existentes na sociedade, assim como propor interações na escola, compondo desafios para que se articulem diferentes áreas do conhecimento materializadas nas disciplinas escolares. São exemplos dessas propostas a criação de eventos para a circulação dos discursos produzidos pelos estudantes, propiciando a aprendizagem da oralidade e da escrita (como as feiras (do livro, culturais, tardes literárias; as “semanas” especiais, como “semana de leitura”; os clubes e círculos de leitura etc), bem como os diferentes meios de circulação de discurso (como os

⁷ Seminário 2015 – Palestra Prof. Joaquim Dolz.

⁸ Conforme Costa (2008).

jornais, as revistas eletrônicas, almanaques, álbuns, livros, cartilhas, páginas na internet da escola ou dos próprios eventos etc) pelos quais podem circular as produções discentes. Essas propostas propiciam situações que atendem aos objetivos do ensino de língua, que é interagir em práticas sociais de leitura, escrita e oralidade, por meio de vivências que levem ao desenvolvimento. Para atingir esse objetivo, é preciso considerar as diferentes esferas. Rojo e Barbosa (2015), por exemplo, sugerem algumas a serem privilegiadas na escola:

a) esfera jornalística, responsável pelo “controle e circulação da informação; b) a esfera da divulgação da ciência, inclusive na escola, responsável pelo “controle” e circulação do conhecimento; c) a esfera da participação na vida pública (produção e consumo; esfera política etc.), responsável pelo fazer político contemporâneo; d) finalmente, como ninguém é de ferro, a esfera artístico-literária, por meio da qual se produz cultura e arte e – por que não? – entretenimento na vida contemporânea. (ROJO, BARBOSA, 2015, p.141)

A hierarquização e seleção de conhecimentos é bastante polêmica na escola, bem como a tarefa de articulação entre diferentes disciplinas. Entretanto, concordamos com as autoras no argumento de que a escola não consegue abarcar tudo; assim, a escolha de algumas esferas permite envolver alguns gêneros importantes para a formação cidadã, promovendo participação social.

A esfera da divulgação da ciência é ampla, complexa e de demasiada importância social (SILVA, 2006; PINTO, 2010; BUNZEN, MENDONÇA, 2013). O impacto da ciência na vida humana tem sido vastamente discutido na contemporaneidade. Para que os alunos participem dessas discussões, sendo inseridos numa cultura científica, é necessário que a escola dedique-se também ao domínio da linguagem científica. Segundo Santos (2007), “ensinar ciência significa (...) ensinar a ler sua linguagem, compreendendo sua estrutura sintática e discursiva, o significado de seu vocabulário, interpretando suas fórmulas, esquemas, gráficos, diagramas, tabelas etc.” (2007, p. 484). Ainda segundo o autor, o ensino de ciências na escola tem privilegiado memorização, classificação e aprendizagem de termos sem reflexão. Desse modo, grandes ressignificações têm sido propostas no campo da Educação Científica, sobretudo no que tange à leitura, aos quais pesquisadores da área têm se dedicado há mais de 20 anos (ALMEIDA, PLAGIARINI, 2016). Para que o discente faça uso social do conhecimento científico, ele precisa interagir com as informações científicas difundidas na mídia escrita (SANTOS, 2007). As questões sociocientíficas, que se referem aos aspectos ambientais, políticos, econômicos, éticos, sociais e culturais relativos à ciência e à tecnologia (SANTOS, 2007), se referem à

1) **relevância** – encorajar os alunos a relacionar suas experiências escolares em ciências com problemas de seu cotidiano e desenvolver responsabilidade social; 2) **motivação** – despertar maior interesse dos alunos pelo estudo de ciências; 3) **comunicação** e **argumentação** – ajudar os alunos a verbalizar, ouvir e argumentar; 4) **análise** – ajudar os alunos a desenvolver raciocínio com maior exigência cognitiva; 5) **compreensão** – auxiliar na aprendizagem de conceitos científicos e de aspectos relativos à natureza da ciência (RATCLIFFE, 1998).

É nesse sentido que a articulação entre disciplinas escolares poderá trazer resultados profícuos para a apreensão mais significativa de conhecimentos. Acreditamos que a Feira Cultural e Científica produzida na escola pesquisada é um importante evento para contextualizar o conhecimento, questionar o impacto da ciência na sociedade, refletir sobre seu aspecto social,

compreender a natureza da atividade científica e seu valor social, conhecer o papel do cientista na sociedade, dentre outros. Ou seja, é um importante evento de letramento científico.

Nesse campo, alfabetização e letramento científico (AC/LC) são termos que têm sido usados nos estudos da Linguística Aplicada e da Educação Científica, contribuindo para ampliar o debate sobre o tema e, mais ainda, para entender quais são as suas implicações para a escola contemporânea. As discussões em torno da alfabetização científica (CHASSOT, 2003, KRASILCHIK; MARANDINO, 2007; TEIXEIRA, 2013, entre outros) e do letramento científico (FIGUEIREDO e LIMA, 2007; SANTOS, 2007; MORTMER, VIEIRA, ARAÚJO, 2010; MOTA-ROTH, 2011, entre outros), embora apresentando múltiplos aspectos⁹, convergem no tocante à inserção do sujeito em práticas sociais relativas às ciências, bem como à importância da linguagem para sua aprendizagem.

Tomamos uma concepção de letramento científico segundo Santos (2007), que, baseado em diversos autores, situa-o em múltiplas dimensões: no âmbito da Educação Científica, o autor situa a AC/LC como um conjunto de práticas sociais que inserem o aluno em contextos de leitura e escrita das/nas ciências; uma contextualização do conhecimento científico na vida cotidiana sem reduzi-lo a mero conhecimento prático acrítico; uma aprendizagem da ciências como fator cultural, uma aprendizagem da ciência atrelada a valores; uma defesa da aprendizagem da linguagem científica simultaneamente à apropriação do conhecimento. Vale destacar, ainda, que letramento não é tomado numa perspectiva aplicacionista. Assim, conforme afirma Santos,

o processo de letramento não deve ser tomado apenas com um caráter prático, no sentido de ter uma aplicação imediata, o que Shen (1975) denominou LC prático, afinal, o conhecimento científico faz parte da cultura humana e possui valor por si mesmo. Nesse sentido, pode-se considerar que muitos conteúdos científicos se justificam não pelo seu caráter prático imediato, mas pelo seu valor cultural. (SANTOS, 2007, p. 481)

O que vemos nessa perspectiva é que a ampliação do letramento científico dos alunos, na escola, ocorre imbricada ao desenvolvimento das capacidades de linguagem. É preciso que o indivíduo possa agir socialmente, deixando de ser um mero receptor de informações. Desde antes da apropriação do sistema alfabético da escrita, os alunos da Educação Infantil, por exemplo, lidam com os conceitos científicos pela oralidade, participando dos eventos de letramento e, aos poucos, vão ampliando sua capacidade leitora para serem capazes de interagir com textos cada vez mais complexos.

Acreditamos, dessa maneira, que o ISD e o letramento científico convergem na medida em que defendem a inserção dos alunos em práticas de linguagem como fundamentais para participação social. Bronckart (1999, p. 103) afirma que “apropriar-se dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Para tanto, é necessário que os alunos saibam lidar com as operações de linguagem na leitura e na produção de textos para inserirem-se na esfera científica. Entretanto, na escola, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 51) “Tudo se passa como se a capacidade de produzir textos fosse um saber que a escola deve encorajar, para facilitar a aprendizagem, mas que nasce e se desenvolve fundamentalmente de maneira espontânea, sem que pudéssemos ensiná-la sistematicamente”.

É nessa direção que entendemos que a partir das situações de uso, considerando-os como práticas sociais, os gêneros podem ser sistematicamente ensinados na escola, integrando

⁹ ... aos quais não vamos nos deter em função do objetivo do artigo.

oralidade e escrita. Professores de diversas disciplinas contribuem dedicando-se ao estudo das operações de linguagem que constituem os diferentes textos que circulam na esfera científica. Todavia, visto que a formação de professores da área de Ciências Naturais não parece envolver teorias de letramento, é fato que na escola a aprendizagem da língua fica a cargo dos professores de LP. Ao contrário disso, acreditamos que os projetos integrados seriam mais eficientes para promover o desenvolvimento dos alunos, de caráter transdisciplinar, conforme apresentado acima.

Dessa forma, como a FCC da escola caracteriza-se como projeto interdisciplinar¹⁰ para contextualização do conhecimento, na qual docentes de toda a escola se envolvem, a integração das atividades preparatórias também seria essencial, dando sentido às produções textuais. Assim, a escrita de um relatório passa a ser o resultado da sistematização de um experimento científico como uma ação de linguagem do aluno, e não mais meramente um texto-produto a ser escrito para correção do professor.

Nesse sentido, nossa pesquisa buscou analisar como os professores das disciplinas de Ciências e Língua Portuguesa da escola em foco abordam a escrita do relatório. Nosso intuito foi verificar como ensinam os alunos a produzir tal gênero concomitantemente à realização dos experimentos, se há dificuldades, se realizam trabalhos interdisciplinares, relacionando a produção discursiva ao evento FCC. Detemo-nos, na seção seguinte, aos aspectos metodológicos da pesquisa realizada.

Breve contextualização metodológica

Tomamos como metodologia a pesquisa ou estudo exploratório (MOREIRA; CALEFFE, 2008), por ser uma proposta de investigação em que nos inserimos num espaço, para analisar o que acontece – de fato – no cotidiano de um contexto, a escola no nosso caso.

A pesquisa exploratória, de acordo com Moreira e Caleffe (2008), tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudo posteriores” (p.69). Pretende fornecer uma “visão geral” de um fenômeno, principalmente quando se trata de tema genérico, como é o caso da circulação do gênero relatório nessa escola. Utilizamos as entrevistas (MOREIRA; CALEFFE, 2008), que é uma técnica pertinente às ciências sociais e educacionais, por permitir aprofundar em sentidos produzidos pelos participantes dos fenômenos investigados. Utilizamos, também, diários de campo, tanto para guiar a transcrição de trechos da entrevista, quanto para anotar as informações daqueles professores que não permitiram gravação em áudio.

Para análise, buscamos o procedimento descrito por Bulea (2010), que interpreta o que é dito nas entrevistas em segmentos de orientação temática (SOT) e segmentos de tratamento temático (STT). Essas categorias são denominadas

- a) segmentos de introdução, de apresentação ou de início de um tema, segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistador, e que nós qualificamos de Segmentos de Orientação Temática (doravante SOT). b) Segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistado, em resposta a uma questão ou em seguida a uma retomada do

¹⁰ Interdisciplinaridade está sendo concebida, neste trabalho, como movimento situado “no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado (THIESEN, 2008, p. 547).

entrevistador, ou, em nossa terminologia, em seguida a um SOT, segmentos em que o tema é efetivamente tratado. Nós os qualificamos de Segmentos de Tratamento Temático (doravante STT). Esse tratamento temático pode assumir formas diversas: reformulações, extensão ou complexidade do foco introduzida pela questão, particularização ou focalização sobre um aspecto considerado como pertinente, exemplificação. (BULEA, 2010, p.90)

Com base no conjunto de entrevistas realizadas em 2015, fizemos um recorte dos segmentos, subdividindo-os em 3 SOT: a) dificuldades de leitura; b) o gênero relatório científico na prática pedagógica; e c) trabalho interdisciplinar; em seguida, cada SOT foi subdividido em STT, apresentados na seção seguinte.

A escola pública investigada atende alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, localizada no interior de Minas Gerais. Em suas instalações, possui salas de aula, de informática, de jogos pedagógicos, de mídia, biblioteca, rádio escolar, laboratório de ciências e quadra esportiva. Desenvolve um trabalho interdisciplinar, bastante produtivo, porque envolve toda a comunidade escolar e parte dos cidadãos, a Feira Cultural e Científica, além de outros projetos, como o projeto.com.vida, SAVIN (Sistema de Avaliações Interdisciplinar), programas na rádio e projetos no laboratório. Há outros espaços na escola, como sala de professores, refeitório, secretaria, sala de supervisão e direção. Entretanto, esses últimos não são os mais relevantes para nossa pesquisa.

A Feira Cultural e Científica é realizada anualmente, desde 2002, com o objetivo de divulgar os trabalhos dos alunos, produzidos nas diversas disciplinas ao longo de um ano. Assim, os discentes elaboram apresentações (exposições, grêmios literários, apresentações de palco) e realizam experimentos que são expostos na Feira, além de construir maquetes, relatórios, cartazes, banners entre outros gêneros. Ou seja, trata-se de um ambiente propício à análise da circulação de gêneros da esfera científica e cultural. Essa atividade conta com a participação de toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e pais). Sendo assim, percebemos que a escola constitui-se como um espaço de letramento científico; no entanto, parece que o gênero focado não se relaciona tanto com a Feira, conforme veremos na análise, em seguida.

Análise de dados

Nesta seção, apresentamos uma análise dos dados com base em cinco entrevistas, cujas informações organizamos abaixo:

Disciplina	Formação	Observações
Língua Portuguesa (6º ao 9º)	Letras	Entrevista gravada e transcrita
Ciências (EM e EJA)	Física	Entrevista gravada e transcrita
Língua Portuguesa	Letras	Respostas anotadas em diário de campo (professora não permitiu gravação)
Ciências (6º ao 9º)	Biologia	Entrevista gravada e transcrita + anotações em diário para conduzir a transcrição
Língua Portuguesa (6º ao 9º)	Letras	Respostas anotadas em diário de campo (professora não permitiu gravação)

Quadro 1. Informações sobre entrevistas - Fonte: as autoras

Apresentaremos trechos das entrevistas abaixo, analisadas a partir das categorias apresentadas: dificuldades de leitura; o gênero relatório científico na prática pedagógica; e o trabalho interdisciplinar.

A) SOT 1 - Dificuldades de leitura

Nas entrevistas com os professores regentes de Língua Portuguesa e de Física, identificamos um entrave quanto às dificuldades de leitura dos alunos. Tais dificuldades advêm de, basicamente, duas razões: problemas nos anos anteriores e desinteresse. Os entrevistados afirmaram que os alunos têm desempenho ruim na interpretação dos textos, e por isso não conseguem se apropriar dos conhecimentos dos anos anteriores previstos nas disciplinas, o que se relaciona ao que Santos (2007) afirma: existe uma necessidade premente de aprendizagem da linguagem científica.

No quadro 2, fizemos um recorte reunindo trechos das entrevistas de três professores¹¹ (Física e Língua Portuguesa). As perguntas aos três referiam-se às dificuldades vivenciadas em sala de aula na atualidade.

SOT	STT		
Dificuldades de leitura	1. desinteresse	Gustavo: (Física)	minha maior dificuldade hoje é a falta de interesse que os alunos têm... de não de não querer correr atrás e um pouquinho de defasagem do conhecimento deles [que=
	2. problemas nos anos anteriores	Gustavo:	= eles já chegam no ensino médio com um com uma sem base nenhuma... uma base matemática não conseguem interpretar direto não conseguem fazer uma conta direito. e física é uma matéria que precisa de uma boa interpretação, de ter uma base matemática. se não fizer isso bem fica muito difícil de se conseguir entender a física
		Roberta: (Português)	Os alunos têm muita dificuldade em aprender os conteúdos, principalmente quando depende de uma base anterior
		Beatriz: (Português)	Bom, além das dificuldades que eles já trazem dos anos anteriores...
Quadro 2 - Trechos de entrevistas com o professor Gustavo (Física), Beatriz (LP) e trecho de diário de campo com a professora Roberta (LP). Fonte: as autoras			

Nenhum dos professores deixa claro se utiliza estratégias de ensino para suprir tal dificuldade. Notamos esse discurso novamente presente nas entrevistas com as professoras de Língua Portuguesa. Para elas, a maior dificuldade de aprendizagem é derivada, também, da não apropriação conteúdos anteriores.

A dificuldade observada pelo professor é baseada no pressuposto que os alunos não dominam a língua. Fica claro que isso é um entrave no ensino de Física, já que os alunos parecem não aprender pelas dificuldades de compreensão do discurso. Em seguida, trechos das entrevistas abaixo evidenciam essas afirmações.

¹¹ Todos os nomes são fictícios.

SOT	STT		
Dificuldades de leitura	3. necessidade de domínio da língua para se apropriar de conhecimentos	Entrev. :	é:: Gustavo, você trabalha com os relatórios científicos, com a produção desses relatórios... você já encontrou nos livros didáticos esses um trabalho com esse gênero ou você:: produz a partir dos experimentos que os meninos fazem ,que os alunos fazem? Você ensina ou apresenta algum modelo de relatórios científicos para os alunos?
		Gustavo: (Física)	Tá, tipo assim, em livro didático eu nunca vi nenhum modelo, eu uso o relatório pra eu poder... forçar o aluno a colocar no papel o explicamen- a explicação, o funcionamento daquele experimento pra formalizar, pra fazer ele processar isso na mente pra ele interiorizar isso [então = é que eles têm muita dificuldade de... de ler o português e transformar isso numa linguagem matemática
Quadro 03 - Trecho de entrevista com o professor de Física Fonte: as autoras			

É importante destacar que professores de outras disciplinas, que não de LP, muitas vezes não possuem conhecimento sobre letramentos, naturalmente porque não há discussões sobre letramentos e aprendizagens em seus cursos de formação inicial e continuada de forma aprofundada, apesar dos numerosos estudos sobre linguagem e Educação Científica, já citados acima. Assim, a crença recai na ideia de que eles têm dificuldade em “ler o português”. Na verdade, os alunos dominam a linguagem de certos contextos. Quando se trata de linguagem específica, como a científica, o professor até percebe isso, como na entrevista acima, o que compreendemos como uma dificuldade de lidar com a linguagem de uma esfera específica ou uma linguagem mais técnica, como a matemática. Parece haver uma crença no fato de que, após a alfabetização nos anos iniciais, o aluno está apto a escrever todo e qualquer texto científico, jornalístico, literário etc, e já deveria estar pronto para escrever os relatórios, sendo necessário ao professor apenas ensinar o “conteúdo do relatório”, no caso aquilo que é relativo ao experimento. A responsabilidade sobre o gênero textual, em geral, fica a cargo do professor de LP. Essa fragmentação, que separa forma e conteúdo, é um empecilho a um trabalho interdisciplinar.

Outras observações feitas pelos professores são as dificuldades de leitura advindas de desinteresse e ausência de hábito de estudo, bem como das dificuldades de estabelecer relações com as outras disciplinas, como podemos verificar no trecho abaixo:

SOT	STT	

Dificuldades de leitura	4. dificuldades de estabelecer relações com as outras disciplinas	Beatriz: (Português)	Eu percebo que os alunos perderam a cultura de estudar em casa, e isso influencia demais em sala de aula. Porque, se, pelo menos o aluno prestasse atenção devida, se tivesse a disciplina que havia há 20 anos atrás, a gente não teria tanta dificuldade em avaliá-los. ããh, veja bem, um aluno que está em contato com uma matéria que ele nunca viu na vida, e ele não presta atenção, ele perde os conceitos básicos, isso vai se arrastando a vida inteira, a vida inteira desse menino. Se ele perde as noções básicas da matemática, do Português, é, ele vai ter dificuldades em outras matérias também. Né? Eu acho que esse é o principal problema a ser enfrentado se a gente quiser uma escola de qualidade, voltar com as normas de conduta, que hoje em dia não são tão cobradas, para que as pessoas tenham disciplina pra... e consigam pelo menos prestar atenção na matéria que lhes está sendo oferecida.
Quadro 04 - Trecho de entrevista com a professora Beatriz (LP) Fonte: as autoras			

O problema da disciplina e da falta de interesse na escola tem sido tema de muitos debates, como pode ser visto também em outro trecho, em que a mesma professora relata este fato.

Dificuldades de leitura	de 5. indisciplina	Beatriz: (Português)	Bom, além das dificuldades que eles já trazem de leitura e de escrita, eles... eles não conseguem prestar atenção em alguma coisa que eles acham difícil. Eu acho que eles já desanimam antes de tentar. Então o professor hoje em dia tem que ser uma espécie de palhaço. Palhaço! Né? Chamar a atenção do aluno, um verdadeiro palhaço. Você tem que deixar a aula interessante, você tem que deixar uma matéria trabalhosa mais fácil para o aluno, e nem sempre o professor consegue fazer isso. Não é fácil. Né?
Quadro 5- Trecho de entrevista com a professora Beatriz (LP) Fonte: as autoras			

Com base nas afirmações, parece que a aprendizagem é de exclusiva responsabilidade do aluno, sendo, então, um desafio para ele, pois ele não consegue ampliar seus conhecimentos devido às falhas anteriores e ao seu próprio desinteresse. Além disso, não parece haver formas alternativas de trabalhar com essas dificuldades para além das metodologias já adotadas.

B) SOT 2 – O gênero relatório científico na prática pedagógica

Nas cinco entrevistas realizadas, perguntamos aos professores como eles trabalhavam o gênero relatório, uma vez que, com base numa busca em livros didáticos adotados nesta escola¹²

¹² Em relação à presença de gêneros da esfera científica em manuais didáticos de Língua Portuguesa de 6º ao 9º anos, ver Cordeiro e Magalhães (2016). No livro didático de Ciências, não encontramos orientações para escrita do relatório, ainda que houvesse procedimentos para a realização de experimentos e solicitação de escrita posterior ao experimento.

durante esta pesquisa e nos depoimentos dos alunos, percebemos uma ausência de referências para a escrita do relatório. Ao longo do ano de 2015, em que a primeira autora lecionou nesta escola nos 7º e 8º anos do EFII, foi recorrente a solicitação dos alunos para os professores de LP ensinarem o relatório, pois ele circulariam na Feira, já que os docentes desenvolviam experimentos e solicitavam aos estudantes sua escrita. O gênero está presente nas aulas de Física, Ciências e de Língua Portuguesa, todavia o trabalho precisa de algumas adaptações para melhor se relacionar à FCC, como vemos no trecho a seguir:

SOT	STT		
O gênero relatório científico na prática pedagógica	1 objetivo da produção escrita divergente do objetivo comunicativo do gênero relatório	Entrev.:	E no livro do nono ano trabalha com o gênero textual relatório.
		Beatriz:	Sim
		Entrev.:	Que é relatório científico, relatório de visita, você trabalhou com os meninos do oitavo esse gênero?
		Beatriz:	Relatório eu não trabalhei. Eu fiquei mais focada em... ããh... em gênero dissertativo argumentativo, trabalhei com os meninos com editorial, é... também, nós vimos muita, muitas crônicas esse ano. E no ano que vem também tem Olimpíadas de Português, e... o gênero crônicas por ser mais ligado ao dia-a-dia deles, por ser um gênero mais ligado até à linguagem informal, ficou mais fácil de trabalhar. Relatório, realmente não trabalhei.
		Entrev.:	Como que você trabalhou algum modelo de relatório? Até mesmo o do livro didático? Ou talvez algum que os alunos produziram?
		Beatriz:	O relatório, inclusive, que os meninos têm trabalhado, foram... o relatório foi trabalhado, mas dentro de outro trabalho, que era o show de talentos. Então, o show de talentos foi assim: o menino tinha que achar uma coisa muito interessante, ou que ele gostasse muito e teria que fazer um relatório sobre isso. Tinha a parte prática e tinha o relatório. Eu ache mais interessante, porque do jeito que, como estava no livro, estava muito chato, muito chato mesmo. Inclusive, teve um menino que fez um trabalho científico mesmo tão bom que até-era um menino de sétimo ano, que até os rapazes do Ensino Médio procuraram-no para que ele passasse os trabalhos para serem feitos na feira de física.
Quadro 6 - Trecho de entrevista com a professora Beatriz (LP) Fonte: as autoras			

O que percebemos aqui é que não se trata de trabalho com um gênero relatório específico, mas qualquer relatório. Não se trata de uma experiência científica e produção do gênero, mas de outra experiência: a descrição de algo interessante num show de talentos. Vemos, então, que o gênero está separado da prática social, o que pensamos não ser a maneira mais adequada de aprender a escrever, já que, como defendemos na seção teórica, aprende-se a agir pela linguagem nos contextos comunicativos. Assim, o relatório deveria ser o resultado de um experimento científico oriundo da demanda da FCC, evento central da escola, numa prática real e pertinente de letramento científico desta comunidade escolar, que gosta e se envolve bastante no evento,

segundo os próprios professores. A mesma docente relata ainda que um aluno do 7º ano fez um trabalho científico tão bom que despertou o interesse dos discentes do Ensino Médio, fato que nos indicou que seria interessante relacionar a aprendizagem da escrita nas aulas de linguagem às práticas sociais de leitura e escrita da própria escola.

Sobre o trabalho do professor de Física sobre o gênero, temos o seguinte:

SOT	STT		
O gênero relatório científico na prática pedagógica	2 ensino do gênero relatório como avaliação	Entrev.: :	é:: gustavo você trabalha com os relatórios científicos, com a produção desses relatórios... você já encontrou nos livros didáticos um trabalho com esse gênero ou você:: produz a partir dos experimentos que os meninos fazem, que os alunos fazem? Você ensina ou apresenta algum modelo de relatórios científicos para os alunos?
		Gustavo: (Física)	Tá, tipo assim, em livro didático eu nunca vi nenhum modelo, eu uso o relatório pra eu poder... forçar o aluno a colocar no papel o a o explicamen- a explicação, o funcionamento daquele experimento pra formalizar, pra fazer ele processar isso na no na mente, pra ele interiorizar isso [então=
		Gustavo: (Física)	= por isso que eu peço o relatório e até pra pra mim ter o controle de quem fez o trabalho quem não fez essas coisas
Quadro 7 - Trecho de entrevista com o professor Gustavo (Física) Fonte: as autoras			

Destacamos, então, que dos cinco professores, dois afirmam ensinar o gênero relatório científico, mas com propostas e objetivos diversos. O professor de Física deixa claro que o relatório serve como uma tarefa para avaliar a apropriação do conteúdo. Entretanto, ainda que já tenha identificado dificuldades de leitura e escrita, não enfoca essa questão. Nesse sentido, o gênero fica desprovido de sua função social. Ainda que façamos essas críticas, entendemos que os professores desconhecem que é necessário vincular as produções de linguagem aos contextos discursivos, como a Feira. Quando vinculam, parece ser sem a devida mediação que relacione gênero como prática social à circulação do texto. Além disso, a escrita também cumpre a função de controle e avaliação do aluno. É válido destacar que a apropriação do conhecimento pela escrita e a avaliação são parte do universo escolar; entretanto, pensamos que a produção escrita poderia ir além disso.

A outra professora afirma (Quadro 8) não trabalhar com o relatório científico, mesmo este estando presente no livro didático, pois os alunos não se interessam pelo gênero.

SOT	STT		
O gênero relatório científico na prática pedagógica	3 ausência do ensino do gênero	Roberta: (Português)	Ressalta ainda que essa unidade os alunos não se interessam tanto. "Em algumas turmas, por conta do tempo, eu até pulo essa parte e passo para a unidade seguinte sobre letra de música, pois é mais interessante"
Quadro 8 - Trecho de diário de campo com a professora Roberta (LP) Fonte: as autoras			

A nosso ver, tal desinteresse pode ser a falta de relação entre a produção escrita e o contexto. Isso nos remete, novamente, à necessidade de compreender os gênero textuais como

ações de linguagem em atividades coletivas e sociais (BRONCKART, 2006). O que nos leva a pensar assim é que a Feira é um evento que seduz a comunidade escolar como um todo, despertando grande interesse discente. Entretanto, é necessário integrar mais as áreas de conhecimento na escola para haver essa relação entre a prática e as escritas dos alunos. Se os professores de LP não se dedicam ao ensino de uma escrita científica sistematizada, os alunos ficam, então, desorientados, muitas vezes buscando subterfúgios nada interessantes para sua aprendizagem, como podemos ver no excerto do quadro 9. Embora o professor afirme orientar os alunos sobre as seções do relatório, muitas vezes, buscam meios na internet.

SOT	STT		
O gênero relatório científico na prática pedagógica	4 ensino do gênero relatório	Entrev.:	quem realmente fez a a experiência... você passa um modelo prévio de relatório ou você deixa os alunos fazerem de acordo com as observações deles? Você apresenta algum modelo de relatório científico para os alunos? Você possui um modelo?
		Gustavo: (Física)	eu geralmente eu peço um modelo mais geral e cada aluno pode verificar, mas eu peço coisas básicas. no momento peço a metodologia que foi feita... na metodologia. depois eu peço como é que material utilizado e qual que é a explicação física. Aí, geralmente é isso, dependendo do trabalho, eu peço um relatório de dia a dia de cada reunião, quem fez, quem não fez... mas aí é quando- mas isso depende mas geralmente precisa só... metodologia material utilizado e a explicação.. alguns até pegam na internet alguns exemplos
Quadro 9. Trecho de entrevista com o professor Gustavo (Física) Fonte: as autoras			

Vemos no trecho acima que o professor se dedica às seções do gênero, orientando minimamente os discentes. Reforçamos essa necessidade visto que sendo a primeira vez que os alunos produzem um texto, é fato que eles terão dificuldades por ser uma novidade para eles, considerando que os gêneros têm configurações próprias e são ações que atendem a objetivos comunicativos particulares, destinatários específicos, estilo, conteúdo temático determinado. Conforme afirma Marinho (2010), a experiência é “fator determinante na aprendizagem dos gêneros”. A pesquisadora esclarece que as dificuldades apresentadas pelos sujeitos em variadas situações não são senão in experiências no domínio de alguns gêneros.

No Quadro 10, a professora de Ciências também mostra se dedicar ao ensino do gênero, explicando que trata-se de texto bastante complexo, que deve, sim, ser ensinado sistematicamente. Este fato confirma as dificuldades dos alunos na escrita de seus trabalhos, o que ficou evidenciado nos constantes pedidos dos alunos ao longo do ano de 2015 para que a professora de LP os auxiliasse em suas produções. Ela destaca que o trabalho com a leitura associada à prática auxilia a compreensão e a produção dos textos.

SOT	STT		
O gênero relatór	4 ensino do gênero relatório	Entrev.:	A escola possui um laboratório de ciências. Você e os alunos frequentam esse espaço? Fazem experimentos?
		Mariana: (Ciências)	Segundo a professora, os aluno frequentam o laboratório da escola. "O laboratório é muito

			bom” As primeiras vezes eles vão para se familiarizar, só fazem observações. Ela procura questionar “a) o que mais te interessou?, b) o que mais te chamou atenção? c) o que vocês gostariam de investigar, pesquisar?”. A partir disso, os alunos levam insetos, cogumelos, plantas, pois assim eles se sentem mais à vontade para fazer uma pesquisa”
		Entrev.:	Além dos manuais didáticos, você propõe escrita (ou apresentação oral) de relatórios científicos?
		Mariana: (Ciências)	A professora destaca que o “relatório científico é complexo.” Ela procura sempre transformar o relatório em uma forma possível para o aluno não perder o estímulo. Além disso, cita a dificuldade, às vezes, de fazer experimentos por conta de materiais, por isso, ela tem que fazer algumas adaptações. Destaca ainda que o livro adotado possui relatórios científicos.
		Entrev.:	Em qual turma, ano (Ensino Fundamental II ou Ensino Médio) esse gênero é mais trabalhado?
		Mariana: (Ciências)	Ela afirma que relatório é mais trabalho nas turmas do Ensino Fundamental II.
		Entrev.:	Você ensina ou apresenta algum modelo de relatórios científicos para os alunos?
		Mariana: (Ciências)	A docente relata que “ao fazer uma experiência, passa os dados, como se fosse uma investigação. A partir disso, propõe algumas questões: a) o que você usou? b) Para que você usou? c) como foi o seu método? d) qual foi a conclusão. Afinal, ciências é investigação! Com base nessas perguntas, ela solicita a escrita do relatório. Essas etapas são: laboratório, escrita e apresentação.
Quadro 10 - Trecho de entrevistas anotado em diário de campo com professora Mariana (Ciências) Fonte: as autoras			

Vemos que essa professora já se aproxima mais da relação entre gênero e prática social, que resultará na produção do gênero relatório como resultado da inserção num ambiente científico em que serão feitos estudos a partir dos interesses dos alunos. A professora já mostra conhecer melhor o gênero e reconhecer sua complexidade. Entretanto, percebemos que há menos preocupação com uma mediação para produzir a escrita, ou seja, a forma está de certa maneira, desvinculada do conteúdo.

Neste SOT 2, vemos que há pouquíssima mediação para a escrita, bem como vinculação da prática social com o gênero textual ao longo de todas as entrevistas. Portanto, os alunos não são devidamente orientados com relação à escrita dos relatórios nem com relação aos elementos discursivos do gênero, como público alvo, objetivo comunicativo, elementos linguísticos, que seriam fundamentais para ampliar as experiências de escrita dos alunos de letramento científico.

C) SOT 3 - Trabalho interdisciplinar

Outra categoria encontrada com base na análise das entrevistas está associada ao trabalho interdisciplinar. Percebemos que os cinco professores demonstraram um desejo em trabalhar em conjunto com as outras disciplinas, ou seja, apresentam interesse em realizar atividades que

rompam minimamente com as fronteiras entre as disciplinas, mas alegam não realizarem isso em suas práticas, conforme veremos abaixo.

SOT	STT		
Trabalho interdisciplinar	1 apropriação da linguagem técnica e interpretação	Entrev.:	e você já pensou que a disciplina de língua portuguesa pode fazer um trabalho junto com a de ciências, com a de física, com a de biologia para ajudar essa dificuldade dos alunos? você acredita que é relevante, que é importante?
		Gustavo: (Física)	sim eu acho porque a língua portuguesa ela vai ajudar o aluno a interpretar porque sem interpretação você não faz nada... e é o que diferencia de de pô da língua portuguesa pros livros normais? São só as palavras técnicas os termos técnicos que normalmente você não vê, e se a língua portuguesa quisesse fazer um trabalho usando esses termos seria normal, não faria nada que ajudaria na interpretação, coisa simples de aplicar um conceito descobrir onde está no texto o enunciado [do exercício
Quadro 11 - Trecho de entrevista com o professor Gustavo (Física) Fonte: as autoras			

O professor novamente mostra reconhecer a importância da linguagem “técnica” típica da esfera científica, que poderia ser realizada num trabalho interdisciplinar. Entretanto, ele ainda não reconhece que tal tarefa poderia ser desempenhada por ele também, mas apenas pelos docentes da LP. Mais uma vez, vem à tona o princípio de que a linguagem atravessa a apropriação de todo e qualquer conhecimento. O aprendizado da língua vai além do uso dos termos técnicos, mas deve configurar-se como inserção numa cultura da escrita. Por isso é tão necessário que as atividades de aprendizado de qualquer ciência se deem em uma esfera de produção e circulação do discurso que a materializa.

As professoras de Português também acreditam na interdisciplinaridade como uma proposta relevante para o ensino:

SOT	STT		
Trabalho interdisciplinar	2 relação entre diferentes disciplinas	Entrev. :	Você acha que esse trabalho, o show de talentos, poderia dialogar com as outras disciplinas, igual no caso do relatório?
		Beatriz: (Português)	Com certeza!
		Roberta: (Português)	Acredita que seria legal trabalhar junto com a disciplina de Ciências, usando o laboratório e experiências. Entretanto, pensa ser um trabalho difícil e assume não dominar as ferramentas do laboratório.
		Entrev.:	Você já pensou em desenvolver um projeto (ou até mesmo uma proposta de atividades) em parceria com a disciplina de Português? Acredita que pode ser uma proposta significativa?
		Mariana: (Ciências)	Ela relata que já realizou trabalhos em conjunto com outras disciplinas “mas não chegou a ser um projeto”. “Quem me dera!” Foi um trabalho interdisciplinar, em conjunto” Nesse momento, ela conta como foram realizados os trabalhos: “Por

		<p>exemplo, nosso projeto com a música e poesia, os alunos precisam do professor de Português. Eu sempre recomendava 'vocês devem procurar o professor de Português para saber sobre rima, melodia, ritmo, etc e eles procuravam e sempre faziam em grupo.' Ela continua: "também fiz outros trabalhos com os professores de história e geografia. Fizemos músicas sobre a cadeia alimentar (7º ano) e músicas sobre os sistemas do corpo humano (8º ano). Depois da avaliação um aluno me disse "Eu fiz aquilo na prova que eu achei que não ia conseguir decorar, por causa do rap que fizemos e foi apresentado na sala.". A partir disso, ela vê a música como um facilitador de aprendizado. Hoje trabalha com turmas do tempo integral, com esses alunos trabalha com oficinas interdisciplinares. São oficinas das disciplinas de português, educação física, informática, teatro e matemática. São três oficinas por dias desenvolvidas em duas turmas mistas (6º e 7º anos e outra com alunos do 7º e 8º anos), no total são 52 alunos."</p>
<p>Quadro 12 - Trechos de entrevista com Beatriz e Roberta (LP) e de diário - professora Mariana (Ciências) Fonte: as autoras</p>		

Embora vejamos que os professores reconhecem a necessidade de relações entre disciplinas, percebemos que as propostas de trabalho de Ciências e Língua Portuguesa voltam-se ao tema do show de talentos que não se relaciona à Feira Cultural e Científica. Podemos observar também que os docentes reconhecem haver maior aprendizagem nos trabalhos interdisciplinares. Apesar disso, as dificuldades os impedem de realizar atividades conjuntas. Assim, a relação entre as disciplinas fica apenas nas ideias.

Também vemos que apesar de haver certa aproximação entre disciplinas, cada professor se mantém em sua área de conhecimento (procurar o professor X para realizar tal coisa), em vez de os próprios docente se unirem em torno de um projeto escolar comum e mais amplo, o que poderia efetivamente contribuir com o desenvolvimento humano pela linguagem.

Além disso, acreditamos que a Feira Cultural e Científica, realizada pela comunidade escolar, é uma proposta de trabalho interdisciplinar que concretiza a circulação do discurso científico sendo, portanto, uma oportunidade para propor o trabalho em equipe, de modo a buscar a apropriação de conhecimentos científicos pelo desenvolvimento das capacidades de linguagem discentes. Sobre a pergunta relativa à integração de disciplinas para realizar atividades na Feira Cultural e Científica, os professores afirmam trabalharem sozinhos, conforme podemos verificar no trecho abaixo:

SOT	STT		
Trabalho interdisciplinar	3 O evento "Feira Cultural e científica" como trabalho interdisciplinar	Entrev. :	O gênero relatório científico, você acha que se fosse trabalhado igual como do trabalho de História, você acha que os meninos se interessariam, se fosse o professor de Ciências com o professor de História de Português, em conjunto, sabe?
		Beatriz: (Português)	Nós, nós, Ariane, já trabalhamos em uma escola que, graças a Deus, que faz isso. A própria feira cultural é o maior exemplo. A feira cultural nossa...
		Entrev. :	Eu ia te pedir pra você falar um pouquinho, da feira cultural e científica da escola e dos seus projetos aqui na escola que a gente

		sabe, só pra gente finalizar.
	Beatriz: (Português)	A feira cultural já, já trabalha com ciências, então os meninos estão ali, montando um grande painel... de..
	Entrev. :	Casa ecológica, horta...
	Beatriz: (Português)	Plantas, casa ecológica... Pra isso, eles fazem um relatório com o maior prazer, sabe, acho que deveria ser revista a forma de trabalhar, porque... do jeito que está aparecendo nos livros, parece ser uma coisa muito cansativa e chata pros meninos. Cada professor trabalha com um objetivo. Eu inclusive acho chato, né, falei.
	Roberta: (Português)	A professora acha que a Feira é uma proposta muito interessante, pois os alunos se empenham e participam dos trabalhos com apresentações e exposições. Eles gostam!
Quadro 13 - Trechos de entrevista com a professora Beatriz e Roberta (LP) Fonte: as autoras		

Novamente os docentes reconhecem a Feira como espaço de circulação de saber, de entusiasmo e envolvimento, que propicia produção de conhecimento pela escrita e socialização. Assim, a partir desses trechos, acreditamos que o trabalho interdisciplinar pode ser o eixo estruturante das produções de linguagem que visam à aprendizagem nessa escola, uma vez que os docentes demonstraram empenho em suas próprias disciplinas e desejo de parceria.

Elaboramos um quadro que permite visualizar os SOT e STT das entrevistas:

Segmentos de Orientação Temática - SOT	Segmentos de Tratamento Temático - STT
a) Dificuldades de leitura	1. desinteresse
	2. problemas nos anos anteriores
	3. necessidade de domínio da língua para se apropriar de conhecimentos
	4. dificuldades de estabelecer relações com as outras disciplinas
	5. indisciplina
b) O gênero relatório científico na prática pedagógica	1 objetivo da produção escrita divergente do objetivo comunicativo do gênero relatório
	2 ensino do gênero relatório como avaliação (controle)
	3 ausência do ensino do gênero relatório
	4 ensino do gênero relatório
c) Trabalho interdisciplinar	1 apropriação da linguagem técnica e interpretação
	2 relação entre diferentes disciplinas
	3 O evento “Feira Cultural e Científica” como trabalho interdisciplinar
Quadro 14. Síntese dos SOT’s – STT’s relativos às entrevistas com professores da escola pesquisada Fonte: as autoras	

Essa síntese nos permitiu visualizar as relações entre a linguagem e conhecimento no contexto pesquisado, bem como elaborar as outras etapas da pesquisa. Vemos que são grandes as dificuldades enfrentadas nas escolas na atualidade.

Se, como afirmam os pesquisadores, a educação científica está diretamente relacionada à educação linguística (SANTOS, 2007; MOTA-ROTH, 2011), temos que realizar um trabalho menos fragmentado. Com essas entrevistas, vimos que há um grande evento de letramento científico na escola, há demanda para realização de pesquisas que resultam na escrita de vários gêneros, entre eles o relatório. Ou seja, há uma excelente oportunidade de escrita como prática social.

Entretanto, embora o gênero seja relevante, ele é solicitado, mas seu ensino não é sistematizado, de modo que o aluno geralmente o escreve de forma intuitiva, com base em modelos de internet, sem muitas orientações sobre o gênero, seu contexto, sua relevância social, bem como sua construção composicional. Nesse sentido, o que os pesquisadores citados na seção teórica afirmam se dá também nesta escola:

tudo se passa como se a capacidade de produzir textos fosse um saber que a escola deve encorajar, para facilitar a aprendizagem, mas que nasce e se desenvolve fundamentalmente de maneira espontânea, sem que pudéssemos ensiná-la sistematicamente” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

Acreditamos que o resultado disso é um desempenho ruim. O discente não tem sucesso nas produções textuais porque não tem orientação e acompanhamento no seu processo de apropriação da escrita que, muitas vezes, é solicitada deslocada da prática social, gerando notas baixas, desestímulo e desinteresse.

Apesar disso, a FCC constitui-se como um evento bastante profícuo para a circulação do discurso científico na escola, pois movimentava toda a comunidade escolar e envolve os alunos. Ademais, é preparada ao longo do ano, o que faz com que sejam desenvolvidas atitudes investigativas em várias áreas pela flexibilidade de temas e atividades.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos apresentar como professores abordam um gênero da esfera científica em suas disciplinas, bem como as dificuldades e as relações com um evento escolar. Percebemos que os docentes não enfocam a escrita dos relatórios como etapa imbricada na construção do conhecimento científico, sobretudo relativo à FCC. Há um trabalho bastante desarticulado entre Língua Portuguesa e Ciências, embora os docentes revelem a importância da abordagem interdisciplinar na escola.

Com a construção de um modelo didático do gênero relatório (MDG), nossa intenção, futuramente, é realizar, com os mesmos professores aqui entrevistados, um grupo focal para estudarmos conjuntamente as características do MDG do relatório, a fim de analisar se esse instrumento seria relevante na prática desses professores, como já foi atestado em pesquisas com outros professores (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006). Em seguida, pretendemos propor uma sequência didática para o desenvolvimento de capacidades dos alunos na escrita dos relatórios.

Consideramos importante aprofundar em estudos sobre a circulação dos discursos na escola, o que poderia contribuir com avanços em práticas mais propositivas para a educação contemporânea.

The scientific writing report in basic school: what do teachers say?

ABSTRACT: This work presents a research result focused on the analyses of teacher’s perspective about scientific writing report due to genre relevance in the context studied. We used Sociodiscursive Interactionism, as well as scientific literacy, in which the learning of writing is an important way to the student’s socialization. We carried out semi-structured interviews which data revealed that, although there is a favorable context for gender circulation, there are also difficulties from the part of students regarding to scientific language, absence of interdisciplinary work and, despite the gender is requested, it is not taught. It reinforces the necessity to focus on the learning of writing, the social practice as a priority.

Keywords: Writing; Teaching; Scientific Report; Literacies.

Referências

ALMEIDA, M. J. P. M. de; PAGLIARINI, C. R. Leitura na Educação em Ciências. *Ciênc. educ. (Bauru)*, Bauru, v. 22, n. 2, p. 271-277, jun. 2016. Acesso em 06 dez. 2016. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132016000200271&lng=pt&nrm=iso.

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. (trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha). 2 ed. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. (org. Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matencio; trad. Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matencio *et al*). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.

BULEA, E. *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola, 2013.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CORDEIRO, A. A.; MAGALHÃES, T. G. Uma análise de atividade com gênero da esfera científica em livros didáticos de Língua Portuguesa. In: ANAIS da III Semana da Faced, VIII Semana da Educação; XI Seminário Anual de Pesquisa em Educação do PPGE; p. 948 – 973. 2016.

CHASSOT, A. *Educação conSciência*. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2003.

CRISTÓVÃO, V. L. L. Para uma expansão do conceito de capacidades de linguagem. In: BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *Gêneros textuais e formação inicial - Uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas-SP: Mercado de Letras, v. 1, p. 357-380. 2013.

CRISTOVÃO, V. L. L.; STUTZ, L. Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE. In: SZUNDY, P.T. C. *et al*.

(Org.). *Linguística aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*. Campinas-SP: ALAB/Pontes Editores, 2011.

DOLZ, J; PASQUIER, A.; BRONCKART, J. P. L'acquisition des discours: émergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières diverses? *Etudes de Linguistique appliquée*, n. 92, p. 23-37, 1993.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, p.95-128. 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão e m expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (e colaboradores) (trad. R. Rojo e G. S. Cordeiro). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J. *Seminário 2015*. Palestra Prof. Joaquim Dolz. 2015. Acesso em: 7 out. 2015
Disponível em: www.youtube.com/watch?v=K68WLhIcSrc.

FIGUEIREDO, H.; LIMA, M. E. C. C. Educação em Ciências, letramento e cidadania. *Química nova na escola*. n° 26, 2007.

FRIEDRICH, J. *Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica*. (trad. A. R. MACHADO; E. G. LOUSADA) Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. *Ensino de ciência e cidadania*. 2. ed. São Paulo. Moderna, 2007.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 237-259, 2005.

MACHADO, A. R. Colaboração e crítica: possíveis ações do linguista na atividade educacional. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.2, p. 22-40, 2007. Acesso em maio de 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo021.pdf>

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Revista Linguagem em (dis)curso*. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Acesso em junho de 2015. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010. Acesso em fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982010000200005

MORTIMER, E. F; VIEIRA, A, C, F. R; ARAÚJO, A. O. Letramento científico em aulas de química. In: *Cultura escrita e letramento*. MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei T. (orgs). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

MOTTA-ROTH, D. *Letramento científico: sentidos e valores*. Notas de Pesquisa, Santa Maria, RS, v.1, p.12-25, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/nope/article/view/3983/2352> Acesso em julho de 2016.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PINTO, G. A. (org.) *Divulgação científica e práticas educativas*. Curitiba. Editora CRV, 2010.

RIBEIRO, E. M.; AZEVEDO, J. L.; LEAL, T. F. O ensino organizado por sequências didáticas voltadas para os gêneros discursivos, sob o ponto de vista de professoras do Ensino Fundamental (no prelo).

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 2015.

SANTOS, W. L. P. dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36 set./dez. 2007.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (e colaboradores) (trad. R. Rojo e G. S. Cordeiro). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, H. C. O que é divulgação científica. *Ciência & Ensino*, vol. 1, n. 1, dezembro de 2006.

TEIXEIRA, F. M. Reflexões Sobre o que é Alfabetização Científica. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 19, n. 4, p. 795-809, 2013.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*. vol.13 no.39. pp. 545-598, 2008. Acessado em janeiro de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010 .